

**O TRABALHO DE CAMPO COMO METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA  
O ESTUDO DE CASO DA VILA MALVINA – GUAÍRA/PR**

**Adilson Martinez<sup>1</sup>**

**Ricardo Carvalho Leme<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O presente estudo enfoca a importância de se desenvolver metodologias para orientar a prática pedagógica, propondo a idéia da realização do trabalho de campo, num contexto do ambiente da escola no nível do Ensino Médio, com o objetivo de levar o aluno a realizar uma ponte entre a teoria e a prática, através da busca de uma renovação no nível do conteúdo, bem como dos trabalhos práticos. O trabalho de campo é uma proposta de metodologia que pode contribuir para o aluno compreender a organização do espaço geográfico, dando condições para se estabelecer análises do mesmo, buscando evitar a facilidade de se realizar uma pesquisa de observação que se restrinja somente à constatação da paisagem. Desta forma, valorizando-se a construção do embasamento teórico aliado à coleta de dados diretos e indiretos necessários a realização deste estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trabalho de Campo. Paisagem. Metodologia. Teoria-Prática.

**ABSTRACT:** The current study focuses the importance of developing methodologies to orient the didactic practice, proposing the idea of the development of the field work, in the school context, with High School students, aiming to lead them to make a link between theory and practice, through the research of changes in the contents, as well as practical works. The field work is a proposal of methodology that can contribute to the students understanding of the geographic space organization, providing conditions to make analysis on it, aiming to avoid the easiness of making an observation research only by looking at the landscape. Thus, this study aims to merit the construction of the theory roots linked with the collected direct and indirect data necessary for the realization of this work.

**KEY-WORDS:** Field Work. Landscape. Methodology. Theory-Practice.

---

<sup>1</sup> Professor PDE (2007/2008) – Especialista em Geografia e Meio Ambiente, professor da rede pública estadual do Paraná, desde abril de 1988.

<sup>2</sup> Professor orientador PDE (2007/2008) – Professor do Colegiado de Geografia da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná) – Campus de Francisco Beltrão e vice-líder do Grupo de Pesquisa “Dinâmica Econômica e Formação Sócio Espacial”

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo visa cumprir a última etapa para conclusão do Programa de Desenvolvimento Educacional, instituído pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná, como forma do professor efetivo, integrante do quadro próprio do magistério, ascender a promoção ao nível III, conforme dispõe o Plano de Carreira dos Professores da rede pública de ensino do Estado do Paraná.

O nosso tema de estudo é o Trabalho de Campo como Metodologia de Ensino de Geografia, pois com a convicção que essa metodologia pode contribuir significativamente no processo de ensino aprendizagem, instigando o aluno a olhar de forma mais crítica para a realidade que o cerca, e, principalmente, compreender que a paisagem visualizada é resultado de relações sociais, políticas e econômicas, a qual não se manifesta concretamente. Aliás, perceber a paisagem como resultado de múltiplas relações humanas, estando em constante processo de transformação, sendo o próprio aluno co-participante dessa dinâmica.

O espaço urbano é justamente o lugar onde as transformações se dão na maior velocidade, geralmente motivadas pelos interesses econômicos e políticos ora presentes, neste caso, as necessidades sociais, principalmente das populações de baixa renda são colocadas em um plano secundário.

A idéia de realizar um projeto sobre o trabalho de campo com alunos do ensino médio surgiu na busca de programar metodologias que fornecessem elementos para valorizar e enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, afinal a Geografia da sala de aula aborda o mundo lá de fora, muitas vezes mencionando fatos muito distantes da realidade mais próxima do aluno.

A proposta é instigante, mas o cuidado para não cair em uma mera observação casual é redundante em um trabalho baseado no senso comum. Afinal levar o aluno ao campo é apenas uma das etapas do trabalho, pois o objetivo é levá-lo ao debate sobre as razões da realização do trabalho, bem como contribuir para definição dos elementos a serem levantados e mensurados.

O fato principal é sem dúvida a possibilidade dos alunos participarem da realização de um trabalho científico, ou seja, criar condições para o alunado se inserir nesta prática.

## 2. O TRABALHO DE CAMPO NO ESPAÇO URBANO

O processo ensino-aprendizagem da Geografia, com uma proposta metodológica de construção do conhecimento, partindo da realidade vivenciada pelo aluno é o meio escolhido para alcançar o objetivo através da realização de trabalho de campo. Como colocou Marcos (2006, p.6):

“Penso que a maior parte dos geógrafos concorde com o fato de que a ida a campo seja um instrumento didático e de pesquisa de fundamental importância para o ensino e pesquisa da/na Geografia. Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se ‘materializa’ diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa ‘excursão recreativa’ sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo ensino/aprendizagem/produção do conhecimento”.

Desenvolveu-se uma metodologia aplicável e exeqüível de trabalho de campo junto com os alunos de Ensino Médio sendo considerado a idade e a série dos alunos envolvidos, desta forma, contemplou-se os elementos geográficos significativos para sua realidade educacional. Entretanto, ressaltou-se a importância do aprendizado de procedimentos que visam à realização de estudos, que resultam na produção de novos conhecimentos. Como esclarece Freire (1998, p.32) “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. (...) Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Colocando ainda a importância da produção do conhecimento, segundo Lacoste (2006, p.86) “para a maioria dos estudantes, a experiência da pesquisa se limita a isto; a este exercício suplementar de reprodução de conhecimentos já elaborados sem que tenham tomado consciência das possibilidades que teriam de produzir, por si mesmos elementos de um saber novo”.

Existem discussões sobre a validade científica do trabalho de campo na Geografia, no sentido da construção do conhecimento científico, pois a preocupação é de que o mesmo torna-se meramente um processo empírico de conhecer. Serpa (2006, p.10) resalta isso dizendo que “O fantasma do empirismo que ronda a produção do conhecimento geográfico leva muitas vezes o pesquisador a reflexões teóricas elaboradas, mas sem a fundamentação empírica necessária à demonstração e à validação dos conceitos, que aparecem não raro descolados da realidade”.

A experiência empírica não deve ser desprezada, num determinado momento ela pode e deve ser sistematizada, estabelecendo uma ponte entre o conhecimento do senso comum e o conhecimento produzido através de recursos da epistemologia científica. A experimentação, o contato com o objeto de pesquisa é sempre necessário para que não se perda a realidade de vista. Como enfatizado por Freire (1998, p.34):

“Não há para mim, na diferença e na ‘distância’ entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação. A superação e não a ruptura se dá na medida em que a curiosidade ingênua, sem deixar de ser curiosidade, pelo contrário, continuando a ser curiosidade, se critica. Ao criticizar-se, tornando-se então, permito-me repetir, curiosidade empistemológica, metodicamente ‘rigorizando-se’ na sua aproximação ao objeto, conta seus achados de maior exatidão”.

Outra questão importante dentro da Geografia é a questão relacionada à escala, que é um grande problema, pois para cada escala utilizada expõem-se novos elementos geográficos que serão evidenciados ou omitidos. Numa determinada escala certos aspectos geográficos são expostos e em outra escala desaparecem. Para Serpa (2006, p.12):

“Recortar espaços de conceituação na realidade, em coerência com os fenômenos que se deseja estudar e analisar é questão central para operacionalização do trabalho de campo em Geografia. (...) que o recorte dos espaços de conceituação não fragmenta a realidade; que os diferentes recortes podem revelar qualidades diversas dos fenômenos que se deseja estudar; e que, finalmente, o recorte serve para explicitar e dar visibilidade àquilo que se deseja pesquisar e analisar (...)”.

Complementando o encaminhamento do estudo vinculado à sistemática metodológica adotada e os recortes do espaço. Serpa (2006, p.12-3) ressalta que:

“Aqui adentramos numa temática cara à Geografia, aquela das múltiplas possibilidades e maneiras de ser recortar o espaço. Que dados e levantamentos devem ser priorizados em um recorte regional, por exemplo? Se o recorte é o mundo, um continente ou um conjunto de países, regiões ou municípios, como proceder então aos levantamentos empíricos necessários ao desenvolvimento de uma pesquisa em Geografia?”.

A questão do recorte, do enfoque e do encaminhamento metodológico a serem adotados torna-se uma preocupação presente a todo o momento, pois

residem aí justamente os elementos que poderão conduzir a efetivação do trabalho de pesquisa, de forma coerente com os objetivos propostos. Entretanto, não podemos esquecer que o estudo de caso é apenas parte do procedimento metodológico, sendo o trabalho de campo um meio para desenvolver uma sistemática de aprendizagem do aluno, partindo de uma realidade na qual este se encontra inserido. Neste contexto do processo de aprendizagem, como colocado nas orientações curriculares de Geografia da semana pedagógica do departamento de Ensino Médio da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2006, p.5) que:

“O ensino de Geografia, desta perspectiva teórica, implica numa alfabetização geográfica, ou seja, ensinar o aluno a ler o Espaço Geográfico. Ler e interpretar o Espaço Geográfico exige mais do que saber o que ele é e do que é constituído. O aluno do Ensino Médio precisará compreender como se dão as relações sócio-espaciais, como os sistemas de objetos e os sistemas de ações produzem o espaço geográfico”.

Como foi afirmado anteriormente o trabalho de campo é um meio para que o aluno passe a desenvolver a capacidade de compreender, organizar, sistematizar, explicar e produzir conhecimento, neste caso, ele é meramente um instrumento, não um fim em si mesmo. A proposta é desenvolver uma metodologia para que os professores de Geografia possam utilizar como referência da prática de trabalho de campo no âmbito da escola pública no nível do Ensino Médio. Segundo as Diretrizes Curriculares de Geografia para Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação (2006, p.46):

“A aula de campo é um rico encaminhamento metodológico para analisar a área em estudo (urbana ou rural), de modo que o aluno poderá diferenciar, por exemplo, paisagem de espaço geográfico. Parte-se de uma realidade local, bem delimitada para investigar sua constituição histórica e as comparações com outros lugares, próximos ou distantes. Assim, a aula de campo jamais será apenas passeio, porque terá importante papel pedagógico no ensino de geografia”.

Assegurar que efetivamente o processo de ensino-aprendizagem realmente ocorra através da definição de metodologias que conduzam e enriqueçam a sistematização dos procedimentos de adquirir conhecimentos significativos, é a tarefa a qual nos prestamos.

A proposta do Trabalho de Campo em uma área urbana, neste caso, deve situar a problemática do espaço urbano e seu processo de produção, mas o mesmo

está inserido em um contexto mais amplo, pois faz parte da própria dinâmica do modo de produção capitalista.

O Brasil evoluiu muito como um país capitalista, passando pelas suas várias fases, mas em momentos históricos distintos dos países europeus, afinal todo o nosso modelo de organização é uma tentativa de cópia da matriz europeia. Neste caso, elementos ideológicos que nortearam a metrópole também proliferaram na colônia. Segundo Matias (2004, p.175) elementos da exclusão social, cultural e racial estão presentes na história brasileira, desde o início da colonização portuguesa, mesmo no período colonial, quando predominavam atividades totalmente baseadas na exportação de bens primários

“Observando a história da construção territorial brasileira, podemos dizer seguramente que o processo de exclusão começa desde os primórdios, onde a terra não pertencia a todos e o acesso à cidadania e serviços públicos não atingia uma parcela significativa da população. Nesse sentido a exclusão social, que apesar de ser um conceito novo na sociedade brasileira, faz-se presente no cotidiano da população e no espaço urbano ao longo das décadas do último século, sendo parte integrante da história brasileira” (MATIAS, 2004, p.175).

Nada mais provinciano do que copiar costumes e hábitos que não se interligam com sua realidade social e tampouco natural, mas a cultura é um elemento de imposição do colonizador, sendo o modelo de organização econômica, no caso, o capitalismo um fator de definição do modo de vida que se estabeleceu também aqui.

No espaço urbano a riqueza poderia, em um determinado momento, ser revertida para o benefício de todos, através da constituição de infra-estrutura necessária a toda a coletividade, mas sabemos que tanto no espaço urbano como também no espaço rural as riquezas são apropriadas pela elite econômica, que transforma em mercadoria altamente lucrativa o próprio solo urbano. Isso faz com que as classes sociais de baixa renda sofram um violento processo de exclusão. Para Matias as atividades exercidas nas relações sociais determinam a construção de espaços consolidados sobre a desigualdade (2004, p.177):

“As dinâmicas política e econômica que vislumbramos no nosso dia-a-dia, constroem um abismo entre aqueles que possuem a propriedade e os destituídos desta, que acabam cedendo ao sistema como única forma de inclusão, na sociedade atual. Contudo ceder ao sistema não garante a

inclusão total dos cidadãos, pois a dinâmica atual baseia-se na inclusão e exclusão de indivíduos para a manutenção do sistema capitalista, dando a idéia de que todos esses processos que se materializam na sociedade são funcionais, o que não é verdade”.

No contexto da sociedade capitalista o trabalho ganha uma dimensão única, pois se torna o elemento viabilizador da produção de mercadorias. O espaço urbano foi constituído com o processo de consolidação do capitalismo industrial, ou seja, é o espaço ideal do modelo capitalista, onde ocorre a agilização da sua reprodução. Evidentemente, a desigualdade também é aspecto característico do meio urbano, além disso, consolida-se a segregação espacial, pois cada um ocupa o espaço, conforme a sua condição econômica e social.

Como menciona Sposito (2005, p.64):

“A cidade é, particularmente, o lugar onde se reúnem as melhores condições para o desenvolvimento do capitalismo. O seu caráter de concentração, de densidade, viabiliza a realização com maior rapidez do ciclo do capital, ou seja, diminui o tempo entre o primeiro investimento necessário à realização de uma determinada produção e o consumo do produto. A cidade reúne qualitativa e quantitativamente as condições necessárias ao desenvolvimento do capitalismo, e por isso ocupa o papel de comando na divisão social do trabalho”.

Na atualidade, estamos convivendo com a globalização estruturada nas sistemáticas do neoliberalismo. O mundo torna-se uma aldeia, os espaços estão cada vez mais integrados; incorporam-se os valores difundidos pela mídia, como a popularização de marcas e produtos, mas também fica agregado ao comportamento do cidadão o consumismo, comprar mesmo quando não é necessário.

O sistema capitalista se caracteriza pela desigualdade, afinal o elemento responsável pela sua constituição é justamente o processo de exploração. No espaço urbano as desigualdades são mais evidentes, determinando diferentes paisagens, que expressam os diversos níveis de apropriação da riqueza, estando embutida a capacidade financeira de consumir de cada indivíduo.

O marketing cria a falsa idéia que todos podem consumir livremente, no entanto, uma pequena minoria populacional possui recursos suficientes para usufruir de quase todos os serviços e mercadorias, enquanto uma ampla maioria da sociedade é excluída, inclusive de serviços básicos e essenciais, como educação, saúde e segurança.

Neste contexto o espaço urbano se apresenta como palco ideal para o capitalismo, onde as relações sociais ocorrem de forma intensa, inclusive os conflitos de classes inerentes ao modelo baseado na expropriação, sendo geradora de condições sociais desiguais.

O modo de produção capitalista colou sua imagem à idéia de democracia, ou seja, de liberdade, onde todos podem fazer o que quiser principalmente consumir, neste caso, morar, viajar, estudar e comprar; enfim adquirir todas as mercadorias e serviços que estiverem no mercado, no entanto, na verdade só podemos usufruir dos produtos na medida da nossa condição de renda.

O direito de ocupar os espaços mais privilegiados no meio urbano é determinado por sua condição de renda, ou seja, o ato de usufruir de serviços e consumir produtos depende de possuir renda para comprar tudo àquilo que quiser até mesmo o direito de morar em determinado lugar. Para Matias (2004, p.179):

“O que parece é que sempre continuará existindo segregação sócio-espacial, apropriação irregular do território, ampliação da periferia urbana, ruptura da solidariedade, dialética entre integrados e os excluídos e daqueles excluídos dentro dos países integrados. No espaço urbano nas últimas décadas o número de pobres tem aumentando consideravelmente apesar do grande número de políticas públicas no Brasil”.

A grande perversidade reside justamente na idéia de democracia, pois cria a falsa noção de igualdade, onde o consumismo é o elemento alimentador da concepção de que ao adquirir e utilizar produtos de marcas você será socialmente aceito, sendo o jovem muito mais suscetível as influências do marketing que induz ao consumismo. O espaço urbano é o lugar onde se difundem com mais facilidade os novos padrões de comportamento de consumo, ocorrendo uma intensa circulação de mercadorias, desta forma, se apresentando como o lugar ideal para o capitalismo, devido à facilidade e velocidade da sua reprodução.

Talvez o consumismo seja uma das facetas mais perversas construídas pelo modelo capitalista, pois induz ao consumo classes sociais desprovidas de capacidade financeira para arcar com esse ônus, criando falsas necessidades de consumo, através do marketing os produtos supérfluos tornam-se como essenciais para vida do consumidor.

O capitalismo é um sistema que existe na condição da desigualdade, sem dúvida o espaço urbano é ideal para sua reprodução. Aliás, o meio urbano é o

espaço da segregação, afinal cada um habita onde sua condição sócio-econômica permite, sendo uma expressão direta da exclusão inerente ao modelo capitalista, que determina a estratificação social. Como menciona Matias (2004, p.180):

“No Brasil é muito forte a idéia de definir os excluídos como aqueles sem renda, sem acesso ao mercado de trabalho, o que é limitado, pois também podemos considerar como excluídos aqueles que vivem em um contexto onde o acesso a bens e serviços públicos, assim como segurança, justiça social e a cidadania, são negados, ou seja, exclusão não envolve somente problema de acesso ao trabalho e renda como muitos pesquisadores voltados para uma linha mais econômica demonstram, mas também habitação, saneamento, educação e até bens considerados supérfluos como os equipamentos culturais (teatro e cinema)”.

Os elementos da problemática urbana aqui debatidos estão presentes também na localidade utilizada como estudo de caso, sendo o bairro da Vila Malvina, situado na área circunzinha ao Colégio Estadual Presidente Roosevelt. Inclusive muitos dos alunos do referido colégio são moradores do bairro.

## **2.1. ORIENTAÇÃO AOS GRUPOS DE TRABALHO EM REDE**

Os Grupos de Trabalho em Rede (GTR) foram realizados de forma virtual, no período de agosto de 2007 a julho de 2008, os grupos foram compostos por professores de todo o Estado do Paraná, por disciplina/área e sob a orientação do Professor PDE. O objetivo mencionado pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná foi o de consolidar a participação do maior número possível de professores.

Fez-se necessário alguns esclarecimentos para que o cursista tivesse um panorama geral de como seria realizado o curso. As dificuldades estiveram presentes no decorrer do processo de construção do curso, principalmente o estranhamento do programa utilizado pela SEED, denominado de MOODLE, mas tudo isso foi possível de se superar, com um pouco de boa vontade, pois o importante foi o fato do aproveitamento do espaço disponibilizado para efetivação da construção de um conhecimento, através da troca de experiências.

O tema geral do curso foi o trabalho de campo com metodologia de ensino de Geografia, mas cada módulo trabalhou com textos diferentes, com o objetivo de questionar e debater temas relativos à problemática educacional.

O PDE desenvolveu-se em várias etapas, a primeira foi à criação de um curso para ser trabalhado on-line, onde os professores da rede estadual de educação do Paraná participaram de seis Módulos, forma como o curso foi dividido.

O Programa deste curso teve o total de 60 horas divididas nos seis módulos, tendo sido concluído em 30/06/2007, com a participação de cinco professores que acompanharam o mesmo até o último Módulo. Para concluir o curso, cada um dos professores teve que efetivar as tarefas propostas nos módulos dentro dos prazos descritos nos período de cada um – sendo observados os prazos. Os seis módulos e o acesso a ele ocorreu no decorrer do programa.

Em um dos Módulos foi debatido o Plano de Trabalho e a implementação na prática educacional do Trabalho de Campo como um instrumento pedagógico. Dos professores participantes da rede recebemos algumas colocações, em resposta aos questionamentos feitos por nós.

“É importante que o professor tenha participação na elaboração do material didático, uma vez que, este é a principal fonte de estudo e pesquisa para a maioria dos alunos. O professor deve estar em contínua reflexão, construindo conhecimentos, para que se tenha uma escola cada vez mais dinâmica e democrática” (Cristiane Berwanger, 20/11/2007).

“Sem dúvida nenhuma o trabalho de campo é importante, pois enriquece o ‘universo’ do educando, além de possibilitar uma aprendizagem de forma diferenciada, nas diretrizes as práticas relacionadas às aulas de campo, são possíveis de ser realizado, o importante é o desempenho e atitude do professor em adequá-la com sua realidade escolar” (Najla da Silva Mehanna, 26/11/2007).

“(…) praticamente todas as aulas de Geografia, podem ser ilustradas com um dos recortes da realidade do próprio Município ou da Região, mas por muitas vezes, barram-se em problemas financeiros e burocráticos, que inviabilizam a efetivação de várias propostas de aula de campo, conseqüentemente, infringindo num melhor aproveitamento das potencialidades da região em prol da melhoria do ensino” (Wagner Cipriano do Nascimento, 30/11/2007).

Os professores contribuíram significativamente na elaboração da proposta, bem como nas sugestões do encaminhamento da implementação na prática. Inclusive demonstrando uma preocupação com o desenvolvimento de metodologias dinamizadoras do processo pedagógico.

## 2.2. ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

A proposta de elaboração do material didático foi a da realização de um Objeto de Aprendizagem Colaborativa (OAC), que é uma das modalidades de trabalho pedagógico sugerido pela SEED/PR, como forma de aprofundar o debate em torno de questões teóricas e metodológicas do processo educacional, sendo o presente sistema caracterizado por ser uma publicação on-line, onde os professores da rede estadual podem contribuir acrescentando elementos aos projetos de estudo disponibilizados na página do site [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br), pertencente à SEED/PR.

Para confecção do OAC foi necessário o desenvolvimento de vários tópicos que são exigência básica da modalidade de material didático optada pelo professor PDE, como mais uma condição para o cumprimento de mais uma etapa do PDE. O OAC, realizado através de recursos, que estão subdivididos em: recursos de expressão, recursos didáticos (sítios, sons e vídeos, proposta de atividades e imagens), recursos de informação (sugestões de leitura, notícias, destaques, Paraná), recursos de investigação (investigação disciplinar, perspectiva interdisciplinar, contextualização) e, recurso de interação.

O Recurso de Expressão trata-se da problematização do conteúdo, desta forma, contém os elementos básicos que caracterizam um projeto científico, justificativa, os objetivos do desenvolvimento do referido estudo.

O objeto de estudo proposto neste OAC foi o Trabalho de Campo como Metodologia de Ensino de Geografia, partindo da realidade próxima do aluno, valorizando os elementos do conhecimento geográfico por eles vivenciados, buscando sistematizá-los através do trabalho de campo. O objetivo é não desprezar o conhecimento do senso comum do primeiro contato do aluno com a realidade concreta, mas fornecer elementos para seu ordenamento, compreensão e sistematização com saber passível de se tornar científico, na medida do rigor dos procedimentos científicos que forem empregados.

Os Recursos de Investigação disciplinar promoveram o desenvolvimento de questões que favoreceram o aprofundamento do conteúdo da disciplina, através do estudo de caso, realizado em um bairro urbano, gerando condições para o alunado

compreender as múltiplas relações diretas responsáveis pela configuração da organização do espaço geográfico.

A Geografia torna-se uma ponte de ligação entre os elementos da realidade observada e mensurada, mas que necessariamente é atividade consolidada no processo de orientação e fundamentação teórico-metodológica. Desta forma, foi possível que os dados e informações levantados fossem analisados, contribuindo para a efetivação das explicações e conceituações a respeito da dinâmica de organização do referido espaço geográfico.

No contexto da Geografia, a investigação científica do objeto de estudo se fez através de relações interdisciplinares e contextualizando com a realidade do aluno, afinal para produção de um novo conhecimento é necessário utilizar as ferramentas disponibilizadas por outros ramos da ciência para efetivar o processo de estudo.

O trabalho de campo foi a forma de efetivação do projeto de pesquisa, onde o estudo de caso contribuiu para testar a metodologia na prática, e proporcionou as condições necessárias de avaliação e validade da utilização desse encaminhamento como proposta de ensino.

Ao realizar o trabalho de campo em um bairro urbano, consideraram-se os aspectos sociológicos e históricos da caracterização da comunidade estudada, pois se tratou de investigar os aspectos populacionais, econômicos e sociais.

A perspectiva interdisciplinar é essencial na realização do estudo de campo, afinal foram levantados e analisados os aspectos relativos às relações entre as pessoas, como também o processo histórico de produção desse determinado espaço geográfico. Entretanto, as dimensões da rede de relações históricas, sociais, econômicas e políticas extrapolam o espaço local, pois são frutos de dinâmicas que não se restringem ao lugar, mas estabelecem vinculações com outras localidades do espaço urbano, rural e regional. O enfoque do nosso estudo propõe uma análise geográfica sobre a realidade estudada, no entanto, cada ramo científico mencionado anteriormente contribui para a realização do estudo de caso.

Na proposta SEED-PR nos DCEs, fica clara a preocupação em envolver o aluno no processo de produção do conhecimento, inclusive o trabalho de campo é sugerido como um dos encaminhamentos possíveis para efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

Um dos aspectos considerados na realização do trabalho foi à diferença social, que porventura o aluno na realização do levantamento de campo se deparou, daí a necessidade de ter realizado a fundamentação da prática, com o professor ajudando no processo de identificação dos fatos, mas também na contextualização dos elementos locais, regionais, nacionais e mundiais; o estabelecimento das inter-relações, desta forma, desenvolveu a compreensão de que esse processo espacial constituído no espaço urbano local é resultado de múltiplos fatores, sendo o próprio aluno parte integrante.

### **2.3. IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA**

A proposta de trabalho tem origem na preocupação de desenvolver metodologias para implementação da prática de ensino, no caso, o trabalho de campo, como elemento viabilizado na vinculação da teoria com a prática, dado a devida fundamentação teórica ao mesmo, desta forma, evitou-se cair numa mera visita turística, mas valorizou-se a construção do embasamento teórico, aliado à coleta de dados diretos e indiretos necessários a realização do estudo de caso.

O material didático é o próprio projeto, pois o Trabalho de Campo é utilizado como instrumento de ensino de Geografia, ou seja, a proposta foi justamente o estabelecimento do encaminhamento metodológico procedendo à realização do trabalho de campo no decorrer da prática pedagógica.

Na sistematização da metodologia já abordada, anteriormente está evidenciado os elementos e as etapas a serem realizadas. O intuito do projeto é justamente levar o aluno a entrar em contato com a realidade concreta que é, num primeiro momento, reconhecer elementos geográficos a partir meramente do contato empírico e, posteriormente, utilizar os aspectos observados para dar início à sistematização do conhecimento num plano de caráter científico. No caso desse projeto, especificamente, colocando a possibilidade do objeto de observação ser o bairro no qual se encontra o Colégio Estadual Presidente Roosevelt no município de Guairá/PR.

A primeira tarefa realizada foi a reunião com os alunos com o objetivo de comunicar a intenção do desenvolvimento do Trabalho de Campo, posteriormente a identificação da área estudada, inclusive utilizando o mapa da localidade, no caso o

bairro da Vila Malvinas, situada nas proximidades do Colégio Estadual Presidente Roosevelt. O intuito do projeto foi justamente levar o aluno a entrar em contato com a realidade concreta que em um primeiro momento, já possibilitou o reconhecimento dos elementos geográficos.

Nas primeiras aulas de orientação foram ressaltados os objetivos da realização do trabalho, proporcionando a conscientização dos alunos da importância da realização do estudo para eles desenvolverem noções da elaboração do trabalho científico.

Na primeira visita dos alunos ao campo para observação direta foi evitado o direcionamento, ou seja, o aluno realizou suas observações e constatou as características da localidade baseados somente na sua capacidade de percepção.

O contato com o objeto de estudo ocorreu de forma direta, inicialmente sem questionários, ementa de perguntas para entrevistas ou quaisquer outros instrumentos de investigação previamente preparados. Proporcionando um contato empírico com o objeto de estudo, proporcionou as condições para conhecimento e o reconhecimento dos elementos que caracterizam a organização do espaço geográfico da localidade.

Posteriormente, ocorreu à sistematização da metodologia de forma conjunta, professor e alunos, estabeleceram as etapas e os procedimentos do projeto de pesquisa.

A próxima etapa foi a da elaboração do mapa com o roteiro que orientou a segunda ida ao campo, nela registramos os pontos de paradas de observação e análise, construídas a partir do trabalho em sala de aula. O professor orientou a turma, através do mapa da área anteriormente visitada, comunicou o roteiro e os elementos para observar e analisar em cada ponto de parada. Os alunos fizeram algumas sugestões de pontos de paradas e observação.

Segundo informações fornecidas pelos funcionários da Prefeitura Municipal de Guaíra da Secretaria de Infra-estrutura e Departamento de obras, os técnicos Sergio Aparecido Pedroso e Vidal Aguirre Cabrera, o referido bairro inexistente para os órgãos do poder público municipal. A Vila Malvinas é uma delimitação e denominação criada pelos moradores da localidade, pois essa porção territorial está integrada a toda área no entorno, que foi loteada pela Companhia Mate Laranjeira.

Segundo Martinez (1998), a Companhia Mate Laranjeira, empresa multinacional sul americana, fundou Guaíra em 1909 para ser a nova sede do empreendimento de extração, transporte e exportação de erva-mate. A localidade de Guaíra tornou-se rapidamente um centro urbano, com infra-estrutura urbana completa.

A decadência da atividade ervateira, na década de 1940, com o início do loteamento de cinco glebas rurais da Companhia Mate Laranjeira próximas do antigo Porto de Guaíra ocorreu em função do aumento populacional que exerceu forte pressão nesse sentido. Isto acelerou o processo de criação do Município de Guaíra, que na época era distrito do Município de Toledo e pertencia a Comarca de Foz de Iguaçu.

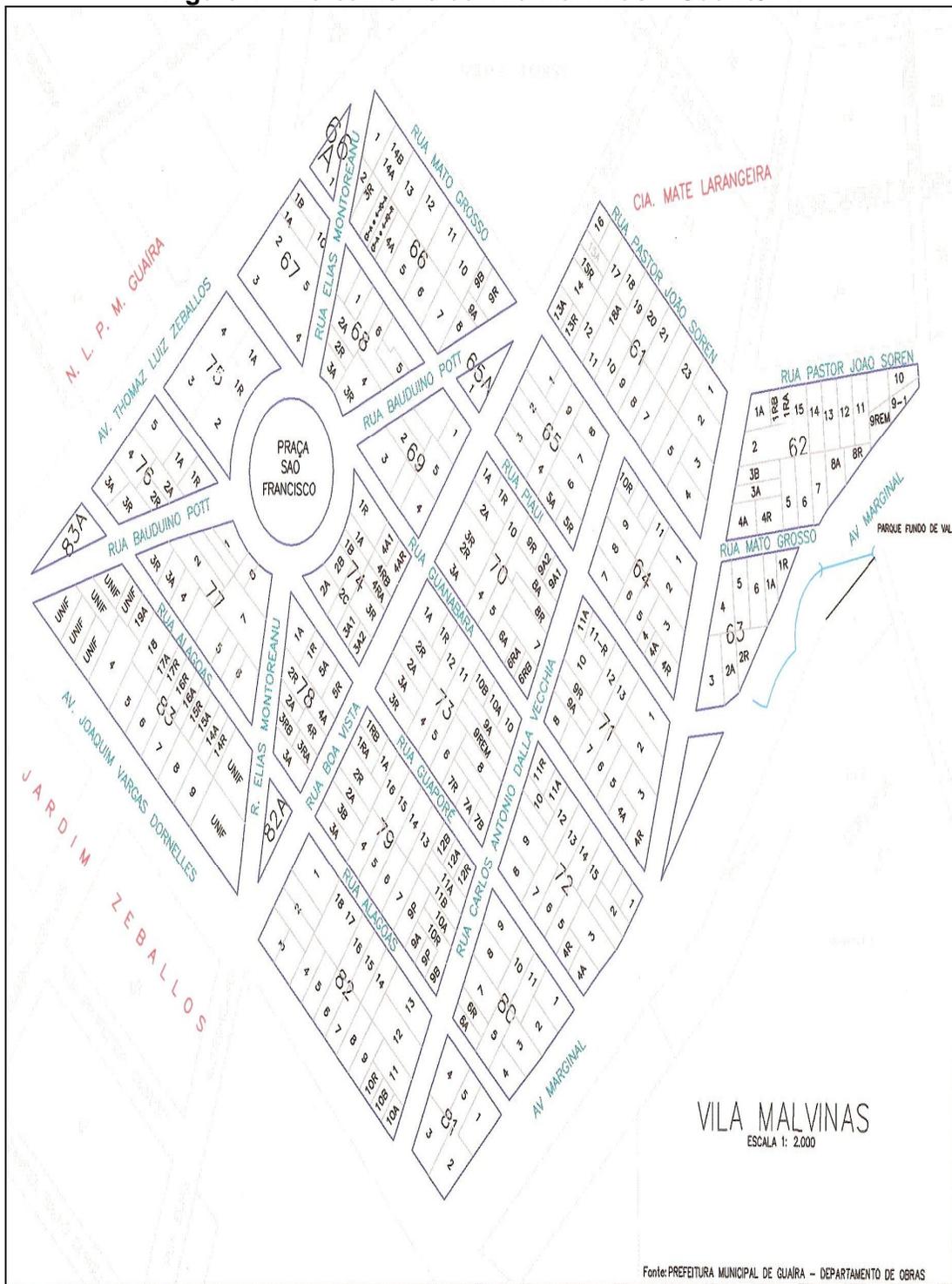
Abordamos o processo de criação do Município de Guaíra e início do processo de loteamento e comercialização pela Companhia Mate Laranjeira.

Como mencionou Martinez (1998, p. 30):

“Em 14 de novembro de 1951, foi criado o Município de Guaíra, pela lei Estadual nº 790, com a instalação do Município ocorrendo em 14/12/1952, tendo como sede o Município a cidade de Guaíra. Os lotes urbanos e rurais começaram a ser vendidos pelos corretores da Companhia Mate Laranjeira que possuíam diversas origens e nacionalidades, como japonês, gaúchos, paulistas e nordestinos, que vendiam lotes para seus conterrâneos. Isto determinou a grande diversidade étnica de Guaíra”.

A figura a seguir mostra uma parte do loteamento da Companhia Mate Laranjeira, justamente a porção denominada de Vila Malvinas, objeto do estudo de caso, sendo esta figura base sobre o qual foi traçado o roteiro dos procedimentos realizados no campo.

Figura 1 – Loteamento da Vila Malvinas – Guairá/PR



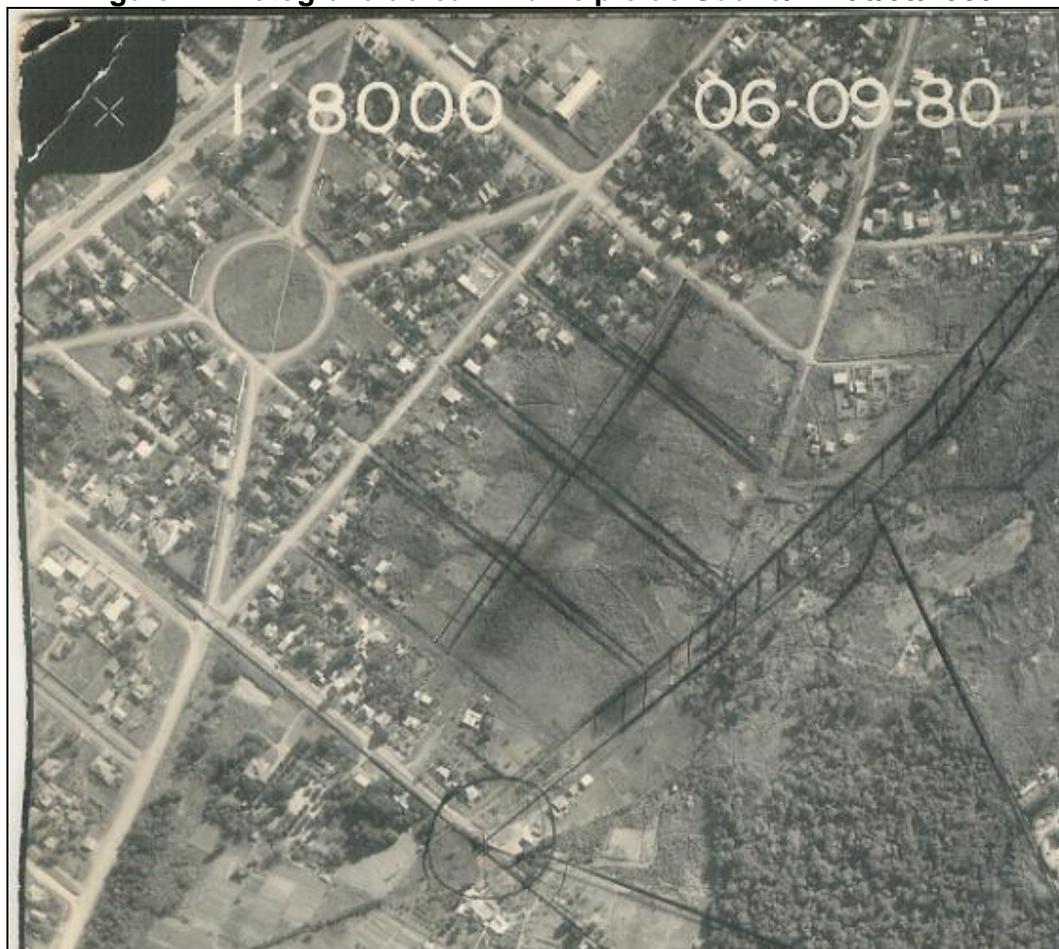
Fonte: Prefeitura Municipal de Guairá/PR (Departamento de Obras)

A Vila Malvinas é parte do loteamento da Companhia Mate Laranjeira, tendo sido iniciada por volta de 1954, como informou o Sr. Valter Blahum, Diretor de

Tributação da Prefeitura Municipal de Guairá, mas o processo de ocupação foi lento, sendo que a área passou a ser incorporada efetivamente, no final da década de 1970 a parte urbana, mas apenas a porção oeste e noroeste, justamente a parte mais próxima do espigão da vertente, ou seja, a parte mais alta.

No caso da figura 2, fotografia aérea de 1980, pode-se observar o início da ocupação na porção mencionada anteriormente, justamente as localidades mais próximas da região central da cidade, estando situadas entre a Avenida Thomas Luiz Zeballos e a Rua Boa Vista (conforme mapa do loteamento).

**Figura 2 – Fotografia aérea – município de Guairá/PR 06/09/1980**



Fonte: Esteio Engenharia e Aerolevamentos S.A Curitiba/PR, pertence ao acervo da Prefeitura Municipal de Guairá/PR

O bairro da Vila Malvinas apresenta uma disposição de acordo com a topografia, pois a parte baixa se localiza em um fundo de vale, pelo mapa do loteamento identifica-se nas áreas circunvizinhas a avenida marginal, justamente

uma parte totalmente alagada, no início da década de 1980, a área começou a ser invadida por famílias de baixa renda.

A Companhia Mate Laranjeira rapidamente resolveu a questão loteando e vendendo a preços baixos os terrenos que até então estavam abandonadas pela empresa, sendo utilizado até aquela época para criação de gado por terceiros.

Entretanto, o novo loteamento ficou completamente desprovido de qualquer infra-estrutura urbana, segundo o Presidente da Associação de Moradores, o Senhor Antonio Ferreira de Andrade, começou aí a luta dos moradores para conseguir a implementação da infra-estrutura, ou seja, o poder público municipal foi obrigado a implantar os equipamentos urbanos.

A denominação Vila Malvinas segundo os técnicos Vidal Aguirre Cabrera e Sergio Aparecido Pedroso, do Departamento de Obras da Prefeitura Municipal de Guaíra, está relacionada à analogia feita ao conflito Argentina e Reino Unido, justamente pela posse da Ilha das Falklands ou Malvinas, denominação Argentina ao mesmo conjunto de Ilhas na Costa Atlântica do país. A referência tem a ver com os inúmeros conflitos que ocorriam no início da ocupação do bairro. Inclusive com inúmeros assassinatos, ocorridos entre os moradores locais.

A Associação de Moradores da Vila Malvinas foi criada em maio de 1992, com o objetivo de defender os interesses dos residentes locais, estando registrada e legalmente constituída, representa a comunidade junto aos órgãos do poder público, principalmente, o executivo municipal.

O atual presidente da Associação dos Moradores da Vila Malvinas, o senhor Antonio Ferreira de Andrade, mencionou as grandes dificuldades da viabilização da infra-estrutura, principalmente o sistema de esgoto, bem como, a colocação dos drenos para resolver os graves problemas de alagamento constante da área circunvizinhas ao fundo de vale. Na verdade, reconhece o senhor Antonio, que essa área era um grande banhado, sendo realizadas várias obras para melhorar a situação de alagamento, através de abaixo assinado da comunidade foi iniciado a execução do sistema de esgoto e a colocação dos drenos em 1995, mas houve a necessidade de reformulação da obra em 2003, pois apresentava problemas, no sistema de drenagem que era insuficiente para escoar toda água.

Aliás, o senhor Antonio, menciona que na atualidade, qualquer escavação na área com mais de dois metros de profundidade vai encontrar água. No passado o

fato do alagamento constante, provocava inúmeras doenças. No entanto, em algumas áreas da localidade ainda há problemas de alagamento, ou seja, ainda é necessária a colocação de mais drenos para adequar o escoamento a vazão pluvial.

O levantamento de dados junto a Prefeitura Municipal de Guaíra constatou a valorização que ocorreu após 1998. De acordo, com os dados fornecidos pelo Senhor Valter Blahum, Diretor de Tributação da Prefeitura Municipal de Guaíra. A valorização foi conseqüência do elevado investimento público na infra-estrutura da área, determinando melhorias significativas da quantidade e qualidade, principalmente no asfaltamento, colocação de dutos para drenagem da área alagada do fundo de vale, o sistema de esgoto, a água encanada e a iluminação pública.

As informações repassados pelo Departamento de Tributação, constatou uma valorização dos imóveis. Foram observados inclusive lotes sendo vendidos a R\$ 30.000. O Senhor Valter Blahum, Diretor do Setor, alertou para um processo de expulsão das populações de baixa renda, tendendo a se intensificar, devido a novos investimentos e infra-estrutura já em processo de implantação, no caso a Avenida interligando, a região do fundo de vale do bairro a um novo loteamento, justamente área mais problemática, onde se concentraram a população de renda mais baixa. No levantamento de campo foram identificadas ainda residências de baixa renda nessa porção da Vila Malvinas, no entanto o número já é bem reduzido.

No levantamento realizado pelos alunos para determinar o número de lotes e imóveis do bairro, ficou identificado o número de 380 lotes, tendo sido aplicado 56 questionários, perfazendo um percentual de 14,73% dos mesmos, além disso, a localidade conta com 27 unidades comerciais diversas, 2 igrejas, um centro comunitário, uma pré-escola e 17 lotes vazios. Há ainda 282 lotes com uma casa, 30 lotes com duas casas, 1 lote com três casas, 1 lote com quatro casas e 17 sobrados, perfazendo um total de 331 imóveis.

Segundo os dados de 2000 do censo demográfico do IBGE, havia 1060 moradores na Vila Malvina, sendo 506 do sexo masculino e 554 do sexo feminino. Com 308 domicílios particulares permanentes, dos quais 295 domicílios do tipo casa, 9 apartamentos e 4 da modalidade cômodos. Houve um aumento de 23 imóveis, no período de 2000 até março de 2008, data da realização do levantamento do número de lotes e imóveis.

Os dados da tabela 1, sobre as características do domicílio comprovam uma afirmação feita pelo senhor Antonio Ferreira de Andrade, referente aos aspectos do bairro, que diz respeito à ampla maioria dos imóveis é próprio, permanente particular, do tipo casa, ou seja, existem poucas habitações para aluguel. Aliás, o bairro é caracterizado pelo grande número de habitantes que vivem no local há muito tempo, segundo o presidente da associação de moradores, está é uma das vantagens de viver no bairro, pois todos se conhecem, tornando a localidade mais segura.

A maioria das casas é de alvenaria, com uma casa por lote, no entanto ocorrem também terrenos com duas casas, sendo que a maioria dos terrenos é própria. O bairro da Vila Malvina passa por um processo histórico recente, que foi incorporando rapidamente elementos de infra-estrutura urbana. Dos 56 imóveis pesquisados, 53 possuem água encanada, representando 94,6% do total, o restante ou são imóveis utilizam poço ou nascente (2) ou outra origem. A tabela abaixo dá uma noção geral do bairro da vila Malvinas.

**Tabela 1 – Características das residências no bairro da Vila Malvinas**

A. Espécie		B. Tipo	
Particular permanente	49 unidades	Casa	55 unidades
Particular improvisado	07 unidades	Apartamento	01 unidade
C. Este domicílio é:		D. O domicílio é de:	
Próprio já pago	45 unidades	Alvenaria	44 unidades
Alugado	10 unidades	Madeira	08 unidades
Cedido por empregador	01 unidade	Mista	04 unidades
E. Quantos domicílios há no terreno		F. O terreno é:	
Um (1)	43 unidades	Próprio	46 unidades
Dois (2)	13 unidades	Cedido	04 unidades
		Outra	06 unidades
G. O número de cômodos do domicílio		H. Tempo que a família vive no local	
a) 0 a 4 cômodos =	08 unidades	a) até 3 anos	14 famílias
b) 5 a 8 cômodos =	43 unidades	b) 4 a 8 anos	10 famílias
c) 9 a 11 cômodos =	07 unidades	c) 9 a 15 anos	8 famílias
d) 12 a 14 cômodos =	01 unidades	d) 16 a 20 anos	6 famílias
		e) 21 a 25 anos	6 famílias
		f) 26 a 30 anos	6 famílias
		g) 31 a 40 anos	2 famílias
		h) 41 a 50 anos	3 famílias
		i) não informou	1 família
I. Forma de abastecimento de água:		J. Quantos banheiros há nesta residência	
a) Rede geral	53	a) 1 banheiro	34
b) Poço ou nascente	02	b) 2 banheiros	22
c) outro	01	c) 3 banheiros	03

L. Neste domicílio existe sanitário		M. O escoadouro do banheiro	
a) Sim	54	a) Rede geral de esgoto ou pluvial	55
b) Não	02	b) Fossa séptica	01
N. O lixo deste domicílio é:			
a) Coletado por serviços de limpeza	56		

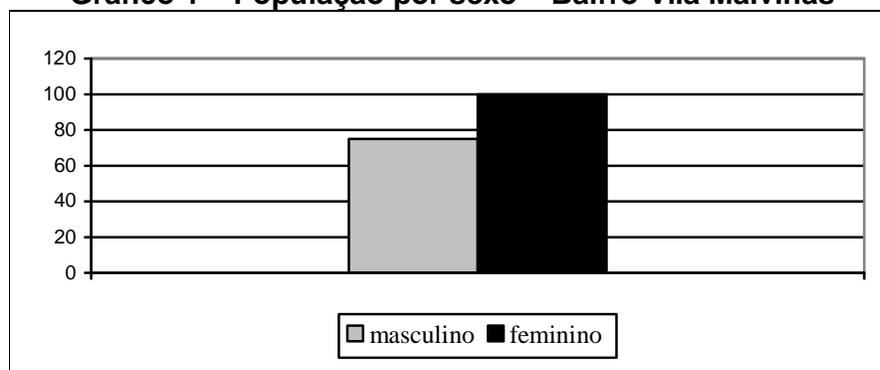
Fonte: Trabalho de Campos (2008)

Dos 56 questionários aplicados, 55 disseram serem atendidos por rede de esgoto, apenas um utiliza fossa séptica. Outro dado importante é o número de residência sem sanitário, segundo o levantamento apenas dois dos imóveis não possuem. Das famílias entrevistadas todas disseram que são atendidas pelo sistema de recolhimento de lixo público. Os dados expressados nas tabelas identificam as características dos domicílios, demonstrando que a ampla maioria das habitações usufrui dos equipamentos urbanos básicos.

Os dados levantados a respeito indicam uma melhoria significativa. O que vem reforçar as informações repassadas pelo senhor Antonio, presidente da associação de moradores, e pelo senhor Valter Blahum, Diretor do Departamento de tributação da Prefeitura Municipal de Guairá.

No levantamento realizado pelos alunos através da aplicação de questionário foram contabilizados 175 moradores, sendo 75 homens e 100 mulheres.

**Gráfico 1 – População por sexo – Bairro Vila Malvinas**



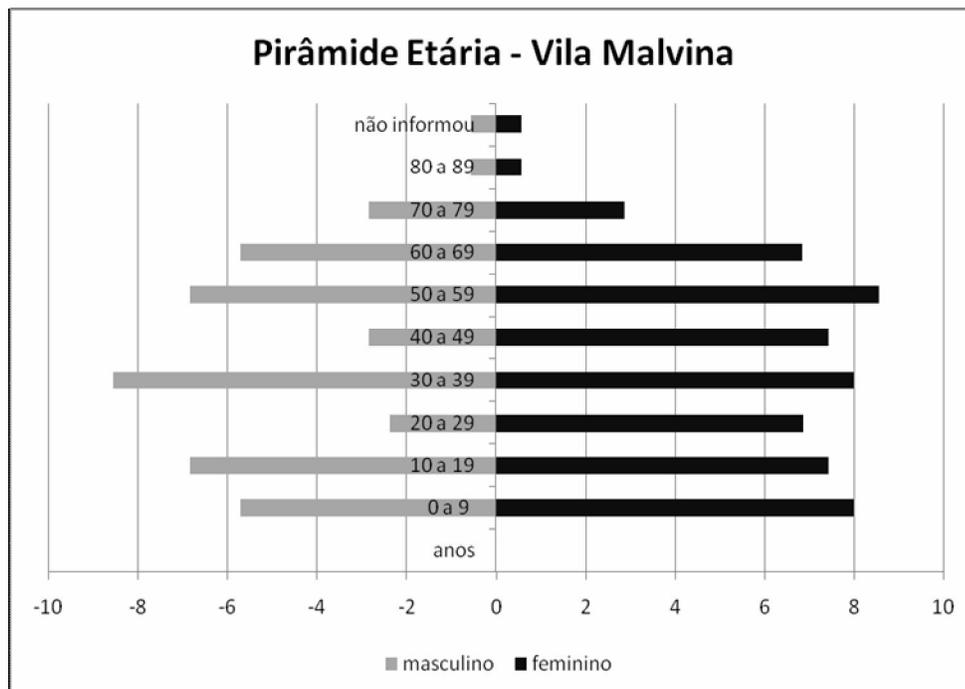
Fonte: Trabalho de Campos (2008)

O levantamento indicou um predomínio de população feminina, como demonstra o gráfico anterior. Entretanto, a pirâmide etária da Vila Malvina, apresenta uma diversidade ampla de faixa de idade de 30 a 39 anos e de 50 a 59 anos, sendo

as duas faixas predominantes, no entanto, percebe-se uma distribuição numerosa por diversas faixas etárias, conforme demonstra o gráfico 2 (Pirâmide Etária).

Característica evidenciada é uma diluição da população em faixas de idade variadas. Chama a atenção o percentual elevado da população acima de 60 anos, cerca de 20% da população total.

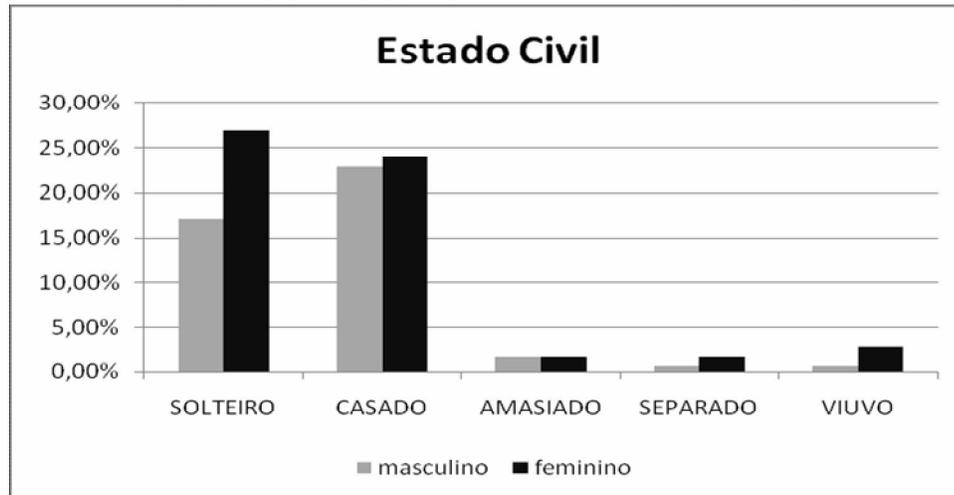
**Gráfico 2 – Pirâmide Etária – Bairro Vila Malvina**



Fonte: Trabalho de Campos (2008)

A maior população é de pessoas solteiras, devido à maioria da população feminina se concentrar nesta faixa de idade (27%). Já a população masculina representa apenas 17% do total, na condição de solteiro. Quando observamos as informações coletadas no questionário, notamos que o número de casados é significativo, representando cerca de 23% da população masculina e 24% da população feminina (Gráfico 3).

As demais condições de Estado Civil representam percentuais reduzidos da população total, com cerca de 3% de viúvas e 0,6% de viúvos.

**Gráfico 3 – Estado Civil – Bairro Vila Malvina**

Fonte: Trabalho de Campos (2008)

A participação dos alunos ocorreu em todas as etapas da realização do trabalho. No entanto, alguns alunos demonstraram maior envolvimento com a proposta, enquanto outros se mostraram menos interessados, apesar de também terem envolvimento direto com o projeto.

A aplicação do questionário se mostrou uma tarefa complexa para alguns discentes, pois o preenchimento ficou parcialmente incompleto ou completo de forma imprecisa.

Apesar das aulas de orientação para aplicação do questionário, foram cometidas algumas imperfeições, por exemplo, a falta de clareza nas perguntas aos entrevistados, bem como, a incapacidade dos alunos em dialogar com os entrevistados, ou seja, atentar para a questão respondida de forma vaga e indagá-la de outra forma. Ficou evidente, com esta experiência, que a capacitação dos alunos para ir a campo de ser mais bem trabalhada e intensificada.

O grande objetivo do trabalho foi o de despertar no aluno a percepção dos sentidos empíricos, levando justamente a constatação das dinâmicas econômicas, sociais, que ocorrem no espaço do seu entorno, mas demonstrar a possibilidade de construir uma análise sobre essa realidade. Desta forma, podendo explicar, determinando a sua origem, a partir do estudo do processo histórico, bem como, dos levantamentos de dados diretos, como fonte de informação para identificar o perfil do bairro e da população residente.

Faz-se necessário demonstrar para o aluno que a Geografia é uma ciência construída a partir de processos, que estão constantemente ocorrendo, sendo possível estudá-lo, mas sempre considerar a necessidade de se levar em conta o a fundamentação teórica, sendo este elemento essencial para nortear este projeto de estudo.

O Trabalho de Campo serve como fio condutor de investigação científica, considerando-se, evidentemente, como uma introdução da iniciação científica, fornecendo os elementos básicos de procedimentos científicos, mas principalmente pode levar a despertar ou estimular no aluno a vontade de buscar o conhecimento, possivelmente a partir do reconhecimento de elementos componentes estruturais da sua própria comunidade.

### **3. CONCLUSÃO**

Todo o desenvolvimento do presente trabalho parte de uma proposta de aperfeiçoamento da SEED inédita, tratando-se do primeiro grupo de professores participantes, porém, ocorreram alguns transtornos no desenvolvimento. A primeira etapa foi realizada através da participação de cursos e seminários, direcionados de forma excessiva a cursos no departamento de pedagogia da UNIOESTE, no caso, referentes à formação pedagógica e as correntes de pensamento da didática e da pedagogia, ficou faltando uma carga horária maior na disciplina específica, justamente para possibilitar um maior aprofundamento e embasamento para a elaboração do Material Didático e do próprio Artigo Final.

Um melhor desenvolvimento da atividade de orientação do Grupo de Trabalho em Rede foi prejudicado pelo atraso no cronograma do programa, e também, pelas mudanças no decorrer do andamento do projeto do PDE. Além disso, muitos professores que se inscreveram não deram seqüência em sua participação, abandonando o curso. Iniciaram 21 professores, apenas cinco concluíram a participação do GTR. Houve grande dificuldade de muitos professores em utilizar o sistema de ambiente de estudo, denominado de MOODLE, para realização das etapas do trabalho. Faltou um melhorar treinamento dos professores da REDE para um uso mais eficaz deste sistema. Evidentemente que outros fatores estão

presentes na desistência destes professores, um deles é a sobrecarga de trabalho, e também a falta de comprometimento de muitos docentes.

A parte positiva do GTR foi, sem dúvida, as inúmeras contribuições dos professores da REDE ao andamento de todas as etapas do trabalho, com críticas que serviram ao propósito de servir para formar uma espinha dorsal do projeto.

A outra etapa do trabalho tratou-se do desenvolvimento do Material Didático, no caso, optou-se pela elaboração de um Objeto de Aprendizagem Colaborativa (OAC), sendo uma modalidade de trabalho já ofertada pela SEED, disponibilizada em um dos seus sites, justamente uma forma ampla de interação dos professores da Rede Estadual de Educação, pois permite a contribuição ao projeto de pesquisa em desenvolvimento, tornando-se uma obra aberta, sujeita a constantes inserções, ou seja, o aprimoramento. O uso desta proposta de encaminhamento pedagógico por outros professores da REDE, de acordo com as particularidades das suas realidades, é viável devido aos recursos que o professor paranaense tem para seu trabalho pedagógico por meio do Portal Educacional do Paraná.

O presente Artigo baseou-se em um estudo de caso, no bairro da Vila Malvina, o desenvolvimento da pesquisa ocorreu com a participação dos alunos, mas, conforme mencionado anteriormente, houve algumas falhas, principalmente no treinamento para aplicação dos questionários, no entanto, a participação dos alunos foi positiva, na medida em que eles se mostraram mais críticos em relação a realidade que o cerca, principalmente, na percepção de fazerem parte dessa realidade.

Houve a constatação de que o bairro está progressivamente deixando de ser uma localidade de baixa renda, com a rápida valorização imobiliária, provocada pela viabilização de infra-estrutura urbana, causando um processo inicial de expulsão da população mais pobre. Este fato coloca abaixo um preconceito local, que o bairro é de baixa renda, com população extremamente pobre e com elevada ocorrência de criminalidade. A realidade local se modificou rapidamente, mas o passado ficou impregnado, inclusive no nome do bairro.

Um dos objetivos do projeto de pesquisa foi inteiramente realizado, o de levar os alunos a participarem da realização do trabalho de campo, bem como, da coleta de dados, tabulação e o debate em torno dos dados, das informações coletadas nas entrevistas, dando a oportunidade de traçar um perfil das características do bairro e

da população da Vila Malvina. Os alunos, neste caso, tiveram a possibilidade de, efetivamente, participar do desenvolvimento de um trabalho científico, aproximando-se, desta forma, do grande objetivo de todo este estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENTEJANO, Paulo R. R., ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Trabalho de Campo: Uma Ferramenta Essencial Para os Geógrafos ou um Instrumento Banalizado.** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 51 – 68, 2006. Disponível em: < [www.agbsaopaulo.org.br/](http://www.agbsaopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.

BAITZ, Ricardo. **A Implicação: Um Novo Sedimento a se Explorar na Geografia?** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 25 – 50, 2006. Disponível em: < [www.agbsaopaulo.org.br/](http://www.agbsaopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

KAYSER, Bernard. **O Geógrafo e a Pesquisa de Campo.** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 93 - 104, 2006. Disponível em: < [www.agbsaopaulo.org.br/](http://www.agbsaopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – Isso Serve, Em Primeiro Lugar, Para Fazer A Guerra.** 11. ed. Campinas-SP: Papirus, 2005.

\_\_\_\_\_. **A Pesquisa e o Trabalho de Campo: Um Problema Político para os Pesquisadores, Estudantes e Cidadãos.** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 77 – 92, 2006. Disponível em: < [www.agbsaopaulo.org.br/](http://www.agbsaopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.

LEME, R. C. B. & MARTINS, G. & LEME, R. C. **A Importância do Trabalho de Campo Como Instrumento Didático-Pedagógico Para O Ensino de Geografia.** IN: Anais do Seminário Nacional Interdisciplinar em Experiências Educativas. Francisco Beltrão: Unioeste – Campus de Francisco Beltrão, p. 592 – 601, 2007.

MARCOS, Valéria de. **Trabalho de Campo em Geografia: Reflexões sobre uma Experiência de Pesquisa Participante.** IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 105 – 136, 2006. Disponível em: < [www.agbsaopaulo.org.br/](http://www.agbsaopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.

MARTINEZ, ADILSON. **O Passado e o Presente do Turismo e do Ecoturismo em Guaíra – Uma Análise Geográfica.** Monografia de Especialização, Geografia, UNIPAR, 1998.

MATIAS, Valdeir R. S. **Exclusão Social e Pobreza no Espaço Urbano – O Papel do Estado na Sociedade Capitalista Brasileira: Contribuições Para Um Debate.**

IN: CAMINHOS DA GEOGRAFIA - revista on-line. Disponível em: <[www.ig.ufu.br/caminhos\\_de\\_geografia.html](http://www.ig.ufu.br/caminhos_de_geografia.html)>. Acesso em 30 junho.2007.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Ensino Médio. Orientações Curriculares de Geografia – Semana Pedagógica. Curitiba, 2006.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de Geografia da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná. Curitiba, 2006.

SERPA, A. **O Trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico Metodológica**. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 7 – 24, 2006. Disponível em: < [www.agb.saopaulo.org.br/](http://www.agb.saopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.

SPOSITO, MARIA B. E. **Capitalismo e Urbanização**. 15ª. São Paulo: Contexto, 2005.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **O Papel da Técnica no Processo de Produção Científica**. IN: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, n. 84, p. 69 – 76, 2006. Disponível em: < [www.agb.saopaulo.org.br/](http://www.agb.saopaulo.org.br/) >. Acesso em: 7 abr. 2007.